

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 5 DE MARÇO DE 1918

ANO II—N.º 41

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO 1\$40 | ESTRANGEIRO
SEMESTRE . . . 70 | ANO 3\$00

NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria)—TEL. 2337-C.—LISBOA

A FEDERAÇÃO HOTELEIRA

Foi este um dos assumptos mais apreciados e discutidos no Congresso Hoteleiro, realiado em abril do ano passado. E na verdade é um problema que deve interessar a todas as industrias que se relacionam com o turismo, porque n'ele está um dos seus mais poderosos desenvolvimentos.

N'esse Congresso, tomou parte activa, já pela sua these apresentada, já pela discussão, o sr. Dr. Bentes Castel-Branco, e que até agora não descurou o assumpto, pois tem-lhe dispensado toda a sua actividade e toda a sua intelligencia.

Na Suissa, na Italia, em França, ha numerosos sindicatos de Turismo, ou seja uma federação de todas as industrias que lhe dizem respeito, inclusive, em alguns, pontos até os caminhos de ferro.

E a completar essa federação ha o banco industrial, onde todos os federados vão fazer as suas operações financeiras.

No nosso paiz nada disso existe, motivo porque a industria hoteleira está tão atrozada, e a sua esfera de acção é tão reduzida.

Em regra n'um hotel em Portugal, raro se sabe dar uma informação sobre outro hotel, ou sobre qualquer assumpto que possa ilucidar o turista. O hoteleiro preocupa-se apenas com o seu negocio e o criado pensa só na gorgeta.

Não existem em Portugal escolas de criados, como era tanto para desejar, não existe uma união dos hoteleiros, nem tão pouco o credito mutuo, e quando qualquer precisa de dinheiro recorre, em regra, ao agiota ou á hipoteca.

Iniciativas novas por meio de um sindicato é coisa que toda a gente desconhece em Portugal. Nas thermas e praias, os hoteleiros em vez de se ligarem para, n'uma reunião de esforços, fazer o progresso da estancia, e promover para os aqistas um sem numero de comodidades e de distracções, limitam-se a dizer que o seu hotel é unico capaz da estancia, não se lembrando que com isso lançam o descredito de si proprios e da terra onde exploram a sua industria.

Mas se em vez d'esse isolamento os hoteleiros tivessem constituído um pequeno sindicato, poderiam reunir os seus interesses, na compra de artigos de subsistencias, nos reclames, nas despesas a fazer com as distrac-

ções, poderia ser resolvido, n'esses pequenos locais, por este processo, era o da mendicidade, uma vez que todos os hoteleiros tivessem compreendido o caminho que, juntos, tinham a seguir.

Isto é, n'um pequeno burgo onde a gente vae tomar aguas ou banhos, imagine-se o que seria, da mesma forma, nas grandes cidades e no paiz em geral, se todos os hoteleiros se federassem n'um grande sindicato.

Não se pense, que advogamos um monopolio, sempre odioso para o publico, mas simplesmente uma larga associação, em que todos mutuamente se protegessem.

Diz, um velho rifão, que a união faz a força, e pena é que em Portugal este lema não tenha sido devidamente compreendido.



LAGOS—O CAES

ções, embora cada um dirigisse a sua casa, e dela tirasse somente os lucros. Um outro pequeno problema que fa-

Pois essa grande federação, dois paladinos devotados a está organisando,

são eles o sr. dr. Bentes Castel-Branco, e o sr. Fray, proprietário do Hotel Central, de Lisboa.

A qualquer deles é bem conhecida a tenacidade e a forma inteligente com que trabalham.

Não nos limitamos a fazer um resumo do que será essa federação, mas publicamos a seguir, na íntegra, a nota que nos foi fornecida do papel que ela pretende realizar, e quaes são as bases da Federação Hoteleira, em organização:

Sociedade Commercial e Industrial do Turismo em Portugal

(FEDERAÇÃO DE TURISMO)

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital 2.000:000\$00

(Devidido em 4.000 acções de 500\$00)

FINS

Desenvolvimento do Turismo em Portugal em todas as suas manifestações e sob todos os aspectos, para o que a Sociedade Commercial e Industrial do Turismo se propõe:

1.º—Auxiliar todas as empresas chamadas de Turismo, já existentes e que tenham por fim facilitar a affluencia e permanencia d' estrangeiros em Portugal, taes como: Hoteis, Casinos, Estabelecimentos termaes e balnearios, casas de recreios, estabelecimentos de repouso, cura ou d'educação, empresas de viação, transportes, industrias caseiras, etc., em todo o paiz, fornecendo a esses estabelecimentos, em boas condições, capital circulante, auxilio moral e material para o seu desenvolvimento e aperfeiçoamento;

2.º—Facilitar e auxiliar a constituição de taes empresas quando e onde se note a sua falta, fazendo todos os estudos preliminares, pesquisas, etc., a emissão do capital tomando parte d' este fime sempre que lhe convenha ou que os seus recursos o consintam;

3.º—Promover por todas as formas possíveis o judicioso aproveitamento, isto é a verdadeira industrialização das riquezas naturaes do paiz como são a sua magnifica situação geographica, as suas excellentes condições atmosfericas e climatericas, a superior qualidade e variedade das suas aguas minero-medicinaes, etc.

4.º—Fazer uma *propaganda serria, practica e efficaz* de Portugal no estrangeiro, sob o ponto de vista turistico, commercial e industrial e social.

ELEMENTOS

Os elementos de trabalho da Sociedade Commercial e Industrial do Turismo em Portugal são:

1.º—*Um Banco Federal* (secção bancaria), onde todos os socios collocam as suas disponibilidades, onde encontram credito quando por qualquer circumstancia, prevista ou imprevisita, d'elle careçam, e onde possam realizar em boas condições todas as mais operações correntes em qualquer Banco.

2.º—*Uma secção de seguros*, onde todos os associados segurem os seus bens, moveis e imoveis, por premio nunca superior ao de qualquer Companhia de seguros, partilhando directa e indirectamente dos lucros realizardos n' esta secção.

3.º—*Uma Secção do Contencioso* (secção d' estudos), com pessoal competente para realizar todas as pesquisas, estudos, plantas, projectos de empresas ou estabelecimentos cuja organização se lhe venham offercer, mediante uma remuneração equitativa.

4.º—*Uma Secção Commercial e Industrial*, com todas as vantagens d' uma cooperativa de credito, consumo e produção.

1.º—para a compra e venda em boas condições aos associados, de todos os generos de maior consumo, como combustivel, farinhas, arroz, azeites, vinhos, pão, carnes, peixes, criação, conservas, frutas, ovos, etc.;

2.º—para a venda aos associados ou estranhos (á comissão) de todos os productos ou generos das empresas associadas;

3.º—para a criação de estabelecimentos produtores de generos de necessidade quando a sua falta se fizer sentir.

VANTAGENS AOS SOCIOS

Todas as que dá aos seus socios uma Cooperativa de credito, produção e consumo simultaneamente;

Todas vantagens d' uma associação de classe, pela defesa dos seus direitos e aspirações; pela criação d' um pessoal edoneo, cuja necessidade tanto se faz sentir, mediante instituição de Hoteis-escolas, escolas professionaes, etc. e pela criação d' um Bureau de informações sobre o pessoal de qualquer categoria que se emprega nos estabelecimentos de Turismo;

Partilha, como accionistas, nos importantes lucros geraes da sociedade.

Reclame, por todas as formas practicas e efficazes, dos estabelecimentos e productos das empresas associadas.

GARANTIAS AO CAPITAL

As acções que se emitirem, teem as garantias seguintes:

Garantia immediata do valor dos estabelecimentos que entram desde já na subscrição da primeira serie de 400 contos, com parte ou com o total do seu capital, recebendo acções da Sociedade representativas do mesmo capital;

Garantia dos bens moveis e imoveis das empresas que de futuro se formarem com o auxilio da Sociedade, na proporção do capital com que esta ficar n' ellas interessada;

Todas as mais garantias que qualquer Banco ou casa bancaria dá ao seu capital que ficará sempre collocado em estabelecimentos de toda a confiança, quando não haja empresas ou negocios em que se possam empregar immediatamente os excessos.

A garantia dos depositos dos corpos gerentes e pessoal responsavel;

A garantia e protecção do governo, asseguradas pelos beneficios que a Sociedade a este offerece dos seus fins sociaes.

REMUNERAÇÃO DO CAPITAL

A Sociedade Commercial e Industrial do Turismo tem fontes de rendimentos absolutamente garantidos nas seguintes secções;

SECÇÃO BANCARIA:

Lucros provenientes dos Depositos e emprestimos

Lucros provenientes das Transferencias

Lucros provenientes dos Descontos de Letras

Lucros provenientes dos Cambios

Lucros provenientes da Compra e venda de titulos e papeis de credito p/c propria e de terceiros

Lucros provenientes da Emissão de capitales de empresas, 2% além do bonus eventual

Lucros provenientes dos mais serviços da secção.

SECÇÃO DO CONTENCIOSO: LUCROS provenientes de:

Comissão sobre o valor de qualquer litigio ou questão de cuja solução for encarregado o Contencioso pelos associados.

Valorização de todos os trabalhos executados pelo Contencioso para o estudo, montagem e laboração de qualquer empresa, como projectos de estatutos, planos, etc.

SECÇÃO DE SEGUROS.—LUCROS provenientes dos

Premios de seguro dos bens moveis e imoveis de todas ou da maior parte das empresas associadas, premios não superiores aos das companhias existentes, mas sempre mais vantajosos por pertencer aos segurados ao % do lucro realizado n' esta secção distribuidos proporcionalmente aos valores segurados por cada um, além da parte de lucros que as mesmas corresponde como accionistas.

Os seguros de estabelecimentos de turismo são de todos os que menos riscos apresentam e por isso garantem um lucro muito razoavel. Para riscos de grande importancia se recorrerá ao resseguro.

SECÇÃO COMMERCIAL E INDUSTRIAL.

Lucros muito importantes resultantes da compra e venda de generos de grande consumo nos estabelecimentos associados, garantidos pela situação privilegiada em que se encontrará a Sociedade para comprar em grandes porções e por preços favoraveis directamente aos produtores.

Lucro certo resultante das comissões pela venda de productos de socios ou extranhos por conta d' estes.

Lucro minimo de 7% que as empresas federadas teem de garantir á Sociedade sobre o capital por que esta está n' ellas interessada.

Lucro resultante dos dividendos das empresas de que a Sociedade possui acções.

Lucro resultante das comissões ou percentagens que á Sociedade devem garantir todos os commerciantes e industrias que queiram que os seus productos, como conservas, tecidos, marcas de vinhos, licores, aguas mineraes, etc. sejam admitidos nos estabelecimentos associados, sendo em todos os casos sempre dada a preferencia, em igualdade de circumstancias, ás casas que possuam acções da Sociedade.

Lucro resultante do reclame feito pela Sociedade, por conta dos associados e federados.

CAPACIDADE DA SOCIEDADE

PARA REALIZAR OS SEUS FINS:

A multiplicidade de empresas associadas ou federadas em cada complica o funcionamento da Sociedade; porque aquellas terão as suas Direcções e gerencias autonomas e independentes, e esta limitar-se-ha a fazer simples operações bancarias, de seguros e commerciaes (commissões e consignações).

As iniciativas de toda a natureza serão auxiliadas pela mesma forma sem risco algum para as operações da Sociedade.

A «REVISTA DE TURISMO»

Em Hespanha vende-se nas bibliotecas das seguintes estações:

Madrid (Atocha), Madrid (Norte), Manzanares, Valdepeñar, Ciudad Real, Zafra, Sevilla (Plaza de Armas), Sevilla (S. Bernardo), etc.

ARTE E LITERATURA

*Cartas a Gaby**Minha boa amiguinha*

É difícil precisar um ponto de partida para a descrição que me propuz fazer-lhe, em obediência á satisfação dos seus desejos. E digo — difícil —, porque, em verdade, a viagem que fiz pelas regiões do sonho... foi architectada tão esperançosamente, com tanto entusiasmo, que julguei — n'alguns momentos em que o meu espirito estava completamente absorvido por essa idealisação — achar-me já gosando as aventuras da sua realidade, taes eram as divagações a que esse meu pensamento me conduzia.

Lembro-me, porem, que essa idéa me foi suggerida por um dos multos acasos da vida, justamente no momento em que, alheado das maravilhas da imaginação, contemplava materialmente os devaneios da realidade.

Esse ponto, com a evolução do tempo, acha-se já um tanto sumido na pagina do meu memoriaal onde o inscrevi; d'ahi a dificuldade que tenho em precisa-lo. Mas os apontamentos seguintes, accusam a analogia suficiente para me convencer de que, até então, nenhum outro pensamento me tinha ainda distraído d'uma evocação que archivava delicadamente, como a maior preciosidade da minha existencia.

Esta minha confissão deve suprehende-la, certamente, e no seu semblante esboçar-se-ha uma interrogação. Mas eu deixo-a pensar a seu bel-prazer, e... faço de conta que não percebo o seu gesto.

Ha intimidades tão saborosas ao nosso intimo que, se as divulgarmos, perdem o seu delicado sabôr.

Permita que eu proprio não cometa o crime de profanar o sacrario onde se alberga essa minha mais estimada reliquia.

Deixo, pois, religiosamente recolhida essa visão do passado, e vou continuar a ordenar os meus apontamentos, para poder descrever-lhe, com a possivel verdade, a minha travessia pelo paiz do sonho.

Hei-de, porem, primeiro, procurar dispôr o seu espirito a receber sem comoções os casos que lhe fôr fazendo ler n'estas singelas paginas; não porque eles sejam tristemente comoventes; mas para evitar que á sua memoria accorram lembranças que poderiam excitar o seu doce sentimentalismo, pela semelhança que pudesse encontrar em quaesquer das situações mais dramaticas que terei de descrever.

Não creio que a minha arte chegue ao ponto de a fazer comungar nas dores que aqui retratarei com a possivel verdade, nem, tampouco, que a minha esperançosa alegria d'outros momentos a faça ter qual-quer manifestação phisionomica. A minha habilidade

não chegará a tanto; mas a minha consciencia ficará satisfeita se eu vier a reconhecer que, mesmo atravez dos quadros que lhe vou figurar com a clara impericia que me caracteriza, a sua alma bem formada pode comprehender as amarguras que guilhotinaram uma risonha esperança, quando ela, simplesmente com os olhos fillos no atraheute alvôr d'uma doce madrugada, viu desabar sob o pêso de pardacentas nuvens o castelo filigranado que então se desenhara no horizonte!

É possivel que não se comova com as minhas lagrimas. Para que qualquer das situações que lhe descreverei a conduzissem a avaliar com uma rasoavel realidade as manifestações que produziram, seria necessario que, entre o que esses quadros poderão reflectir e as reminiscencias do seu delicado espirito, houvesse qualquer afinidade. Ora tal não succede; o que lhe digo francamente, para seu socego...

Não extranhe, pois, se vier a deprehender uma possivel semelhança da minha historia com um doloroso romance em que alguém das nossas intimas relações desempenhou um papel de maior evidencia; isso só se explicará pela simultaneidade das duas acções; tendo, todavia, havido um ponto em que quasi se conjugaram, se bem que uma independencia completa as caracterisou sempre.

Parece-me que este preambulo é sufficiente para fazer esmorecer qualquer pensamento mais sombrio que a tivesse porventura atormentado; e que na sinceridade da minha espontanea confissão encontrará a confiança que lhe inspirei, quando selámos com um entusiastico aperto de mão o inicio da nossa boa amizade.

Assim o espero.

MARIO DE MONTALVÃO.

Março, 1918.

AOS TEUS OLHOS!

Teus olhos são dois espelhos
onde os meus se vão mirar,
quem os fitar uma vez,
ficará sempre a sonhar...

Às vèzes n'essas espheras,
encontro prazer infindo,
pois se adormecem chorando
acordam logo sorrindo...

Do aço d'esses espelhos
hei-de forrar as estrellas,
para o luar dos teus olhos
vir beijar minhas janelas.

É teu olhar andaluz,
a musa dos meus sonetos,
só me sabem inspirar,
os teus lindos olhos pretos.

E no dia em que morrer,
has-de fazer-me uma jura,
d'irem teus olhos chorar-me
ás pedras da sepultura.

ALBERTO DA SILVA NAVARRO.

PAISAGENS PORTUGUEZAS

LAGOS

Lagos está predestinado a ser um grande porto de mar, onde não tocar os transatlânticos que demandam o Mediterrâneo. A sua bahia imensa, a sua esplendida situação no sul de Portugal dão-lhe logar a ser em breve um grande ponto estrategico de turismo.

Eu não conhecia Lagos, mais que pelos mapas e cartas que tinha compulsado, mas uma recente viagem ao Algarve demonstrou-me que os juizos, que tinha anteriormente feito, eram nada ao pé da impressão que me causou a admiravel bahia.

Era pleno fevereiro e plena primavera, porque no Algarve, a doce estação florida e pubere, vem mais cedo, as amendoeiras agrinaldam-se de flores logo que os primeiros dias de sol acariciam o Algarve e as figueiras começam a enfolhar logo que as flores d'aquelas atapetam a terra depois de deixar o fructo em gestação.

O sol que n'aquela admiravel manhã

A carrinha, sabem-no todos que teem ido ao Algarve, é um transporte



LAGOS - PRAIA DA LUZ

mais curioso do que comodo. Se a estrada é lisa, se o cavallo trota bem, é suportavel, e se dá o contrario, vamos em risco de a cada momento,

sinho trotado.

Não sei por quê, tenho uma funda simpatia por estes pacientes animais, que não dão despesa ao dono e que mal a aurora disposta, já lhes é aplicada a albarda e que muitas vezes, o almoço para eles é duas fortes arrieiradas.

Pobres filhos da mãe natural, tambem ela foi para vós avára, e os que utilizam os vossos imensos serviços, nunca compreenderam a vossa força nem a vossa humildade.

Não podia, durante essa longa viagem, ser mais estúpido, na divagação dos meus pensamentos.

A carrinha rolava, rolava, sem tardanças, pela estrada chã e ondeante, até que o conductor annunciou: *Cá estemos* meu patrão. E efectivamente a estrada, sobreposta sobre terrenos alagados ia dar a um amontoado de casas. Era Lagos.



LAGOS - EDIFÍCIO DA CAMARA

de fevereiro, doirava a ria de Portimão, era tão lindo e tão seductor, que não olhei ao preço que um carrinheiro pedia por me levar a Lagos e trazer-me novamente.

esmórrar a testa do visinho fronteiro.

A carrinha largou, e enquanto o conductor fustigava o cavallo, eu ia, através dos amendoaes em flôr, lembrando, n'uma melancolia panteista, que toda aquela terra bemdita, era

A cidade é monotona e banal, e n'esse dia apesar de engalanada para receber o presidente da Republica, dava o aspecto de uma vila sertaneja em dia de Senhor dos Passos.

As ruas são largas, mas as casas,

altas, não têm carecter nem regionalismo.

Subi á parte cimeira, onde uma estrada nova mostrava já o ventre aberto para receber a brita. E lá do alto, com o abismo aos pés, de rochas fendidas pelas investidas do mar, que parecem mais scenarios do inferno, que pequenos montes esboroados, toda a minha melancolia se dissipou

Mais alem repousa sobre montes escarpados a praia da Rocha, e adiante fechando a famosa bahia, empinam-se em defesa, as fragas arrogantes do Carvoeiro.

Esta contemplação, veio ser desperitada por um velho de barbas grisalhas, parecido com Bartholomeu Dias, e como ele um lobo do mar, que me perguntou o que pen sava da sua terra.

—Que podia ser o primeiro porto de mar do Mediterraneo.

—Olhe, continuou o bondoso homem, a estação do caminho de ferro, já foi feita para esse fim, e está disposta para d'ela sahir o caminho de ferro que um dia ha de ir a Grandola pelo Espinhaço do Cão. Ah! o senhor não sabe o que é lindo. Estas serras que se avistam d'aqui veem todas morrer, sem elevação, na costa com pontos de vista magnificos.

O bom do velho, puchou para si uma rede de pesca que estava remendando e n'um suspiro, que foi direito ao mar, concluiu:—Isto nunca se fará, creia, nós somos uma raça esquecida e morta, e não temos rasgos para estas coisas.

Emudeceu, fitando a bahia, onde o mar tão serenamente azul, era cortado por barcos de pesca, cujas velas brancas, como azas de gaivotas, pareciam a caminhar para nós, as mensageiras andorinhas, annunciando n'uma mystica illusão a chegada dos grandes transatlanticos áquele esquecido e abandonado porto de mar.

GUERRA MAIO.



LAGOS—UM TRECHO DA PRAIA

ante tão admiravel e grandioso panorama.

A bahia de Lagos, estendia-se a meus pés n'uma larga e graciosa curva. O mar tão azul, tão sereno, era tão limpo e a sua areia tão branca que a grande distancia se lhe avistava o fundo.

Parecia uma vasta bacia, doirada por aquele sol, tão refulgente, como só Portugal tem, e em cujo bordo se debruçam, n'uma miragem amorosa, as casas brancas onde reina uma paz mystica, e as amendoeiras em flor onde mora a poesia lendaria das aves cantando.

Em baixo a cidade amontoada, alem na outra parte do rio, a estação do caminho de ferro, com a linha dilatando-se n'uma larga curva para o mar, á espera do porto e dos caes para receber passageiros e mercadorias; e seguindo com a vista a imensa costa alem, apparece-nos a sorrir, Alvor, onde o famoso rei D. João II, o impulsor das descobertas foi terminar os seus dias e vêr pela ultima vez o mar que ele desejava vêr rasgado pelas naus que mandára construir, n'uma ancia de dilatar o seu pequeno Portugal.

—Olhe, meu senhor, ali na ponta da Piedade se fizessem um pequeno paredão-abrigo, podiam fazer a defesa do Sudoeste, que é o unico vento que faz mal á navegação, e com um caes mesmo pequeno e um deposito de carvão, vi-



LAGOS—UM ASPECTO DO CAES

nham aqui tocar todos os navios que alem passam. E apontava a linha do Oceano onde fumegava um grande vapor.

Em virtude da greve da classe graphica, o presente numero não pode ser publicado na data habitual, 5 do corrente. Apresentando esta desculpa, confiamos em

EXPEDIENTE

que os nossos prezados leitores nos revelarão a falta, de que, todavia, não somos responsaveis.

O TURISMO EM PORTUGAL

BIBLIOGRAPHIA

E A SUA PROPAGANDA

«EPIPHANIA DO SILENCIO»

TODA a gente, em Portugal, ao deter mais demoradamente a sua atenção sobre as coisas que por cá ha, sahe invariavelmente d'esse extasis proferindo a sacramental phrase: «*como isto seria aproveitado se fosse estrangeiro!*»

Ora, essa phrase tem sido pronunciada tantas vezes, que já tomou fóros de adagio. Todavia, a sua applicação nunca se ajustou tão completamente a qualquer manifestação de vitalidade do nosso Paiz, como, agora, á do Turismo. E é bem verdade! Se este torrão do occidente europeu fosse francez, belga, suizo, inglez, etc, etc.—tudo menos portuguez, como se viveria aqui?!

Ninguém o sabe; mas, por logica sequencia d'aquella phrase, deduz-se que, *isto*, deveria ser um paiz encantado, um manancial de riquezas fabulosas brotando expontaneas do solo, um verdadeiro paraizo terrestre, onde toda a gente viveria *enthusiasmadamente* e d'onde nunca mais sahiria, porque nada haveria de melhor no mundo.

E' possivel que assim fosse, como, tambem, é muito provavel que, um dia, assim seja.

Para isso, porem, será necessario trabalhar e encaminharem-se as coisas com o bom concurso de todos; mas é precisamente esse concurso que não se faz sentir, que falta, que não apparece nem expontaneo, nem obrigado—porque... n'este malaventurado paiz só se critica e sentença, só se empata e dificulta, não se deixando, ao menos, o campo livre para o trabalho d'aquelles que, para a realisação d'uma qualquer idéa, empregam os seus melhores esforços.

E', simplesmente, por essas razões que, se este paiz fosse tudo menos portuguez seria, sem duvida,—como todos dizem—maior em grandeza, em trabalho e obras, em alma e espirito—d'onde resultaria uma felicidade que alguns tentam realisar, mas que os outros não deixam conseguir.

O turismo, ou a industria das viagens em Portugal, não podia fazer excepção á regra geral. Não obstante—até á pouco—ninguem pensar n'isso, hoje os que não podem contrariar o seu natural desenvolvimento, criticam, com extraordinaria ousadia, os esforços e dedicações que se empregam n'esse sentido.

E' mister, porem, deixar de lado os que pronunciam a já celebre phrase. O caminho é só um: *quem não olha adeante, atraz fica.*

Ora, precisamente para não ficarmos atraz, é urgente caminhar-se, e caminhar-se depressa, porque outros já nos levam avançaço—e grande.

O turismo é hoje considerado pelas nações civilisadas, como a mais prometedora e proveitosa industria: e assim, essas nações, mesmo no critico momento que atravessamos todos, não tem descurado de preparar-se para o futuro, no que respeita particular e muito especialmente á industria das viagens.

Um dos assumptos que, sob este ponto de vista, tem sido cuidado com especial atenção, é o que respeita á propaganda turistica.

A par de todas as idéas que o cerebro pode conceber para, na pratica, atingirem o fim desejado, existe um serviço particular de agentes—pessoas de cathoria—que por todos os meios ao seu alcance, apregoam pelo mundo fóra as belezas dos seus respectivos paizes, as suas excentricidades e originalidades e, ainda, as suas excepçoes condições de salubridade, para todas as doenças imaginaveis.

Em França ha, até, uma repartição de propaganda official subordinada ao ministerio dos negocios estrangeiros, d'onde recebe inspiração e instruções, de concerto com as instancias competentes.

Na Suissa—paiz de turismo por excelencia—ha um muito importante serviço de propaganda, que se exerce, egualmente por todas as formas.

A Italia está, presentemente, desenvolvendo uma grande actividade para a sua expansão turistica, para o que a intensa propaganda ali iniciada, é o melhor factor.

A Hespanha não tardará, tambem, que manifeste claramente os seus intentos sobre a industria das viagens no seu Paiz, a que uma oculta propaganda vem já dando alento.

Em Portugal, então, a não ser na Repartição Official que vive n'um limitadissimo ambito—rarissimos são os que gastam um minuto a pensar na implantação do Turismo.

Por isso se creou o adagio «*como isto seria aproveitado se fosse estrangeiro.*»

JOSÉ LISBOA

É um livro adoravel. E' poesia desfeita em prosa. Em todas as paginas o mesmo rito, em todas as orações a mesma alma.

Gastão Bettencourt é um poeta delicado, a sua prosa cheia de colorido, é repleta de um sentimento que commove, os seus conceitos são tão perfeitos, que se adivinha logo que foi uma alma e não uma pena que os escreveu.

Em todo o livro ha passagens como estas de uma flagrante verdade.

«Outomno corcovado passa pelos campos, leva o alforje cheio de illusões, que a primavera acalentou, e que cahiram com os primeiros frios.»

Querem maior verdade?

G. M.

CASTELO DE BARCELLOS

A Sociedade Propaganda de Portugal officiou ao Conselho d'Arte e Archeologia da 3.^a Circumscrição solicitando a atenção d'essa entidade para o estado de abandono como se encontra o Castelo de Barcellos e pedindo que sejam tomadas todas as providencias no sentido de se salvar da ruina esse precioso monumento, ao qual andam ligadas as melhores tradições patrioticas e historicas.

MELHORAMENTOS
NA FIGUEIRA DA FOZ

NESTA linda cidade da beira-mar, acaba de ser inaugurada a nova estação central dos correios, em um amplo e proprio edificio, que faz honra á cidade.

Nada ali falta, tanto em comodidades para o publico, como para o pessoal; e a elegancia e bom gosto tambem não foram esquecidas.

A nova estação, fica quasi no mesmo local em que anteriormente funcionava, junto á Praça Velha.

Como é sabido, alem d'esta, ha outra estação-postal na Figueira, situada no Bairro Novo, que faz serviço todo o ano.

Tambem o Hotel Aliança, da Praça Nova, foi ampliado com uma nova ala de quartos, em substituição d'uma que existia de antiga construcção.

O JOGO E A SUA REGULAMENTAÇÃO

NADA ha, ainda, decretado sobre a provavel regulamentação do jogo, nem nada de positivo se sabe sobre a pratica das intenções do actual governo a respeito d'esse momentoso assumpto.

Muitas e variadas informações teem vindo a publico por intermedio da imprensa; mas apenas uma se nos afigurou de character officioso: foi a que declarava que, a tal respeito, tudo era prematuro. D'aqui concluímos que todas as outras reflectem apenas o desejo dos interessados em estabelecer uma corrente favoravel á regulamentação, e a intenção de apaixonar o grande publico sobre as restrições e concessões que a respectiva lei vier a limitar.

A nossa opinião a esse respeito acha-se já exposta em alguns artigos publicados n'esta Revista, mórmente no numero referido a 20 de Fevereiro passado. N'ele traduzimos franca e lealmente a nossa idéa, que de resto se coaduna perfeitamente bem não só com o modo de pensar geral, mas especialmente com o parecer d'uma douta entidade—o Conselho de Turismo, exposto na representação que dirigiu a Sua Ex.^a o Ministro do Interior, do governo transacto.

Não é, pois, simplesmente a nossa modestissima opinião que se manifesta pela regulamentação do jogo como uma necessidade imprescindível. Ela é apoiada por todos quantos se convençeram de que, sendo quasi impossivel a sua repressão, melhor e mais proveitoso é regulamental'o.

Ha, porem, ainda uma parcela minima da população alfacinha que, talvez por escrupuloso *snobismo*, não se conforma com essa salutar idéa, procurando apoucar os intuitos que lhe possam ser attribuidos, não vá ofuscar-se a respectiva moral.

Os que assim arengam, emplumam-se com a presumpção de viajados, dissertando d'est'arte com uma pseudo-superioridade sobre a psychologia dos turistas em geral e, em especial, sobre... a influencia do jogo na moral dos paizes civilisados. E a esse proposito citam todas as praias do mundo e estancias balneares da... lua, onde passaram, assistiram, estiveram e... viram no final de contas jogo ou soberam que se jogava—mas só durante a época balnear.

Nenhum argumento produzem pois em defeza da sua relutancia pela regulamentação do jogo, mesmo porque—

em boa verdade—nenhuma razão justifica que ele seja tolerado—como está acontecendo, com o mais criminoso prejuizo para todos—e que não seja regulamentado, como é necessario e urgente; porque os beneficios que o Paiz d'ahi auferirá serão, sem duvida alguma, elementos de superior vantagem e de difficil compensação na economia nacional.

Não bastam os padrões da nossa historia para seduzir os turistas; não são simplesmente suficientes os originaes panoramas das nossas provincias para a atracção dos viajantes; como tambem não só a amenidade do nosso clima captivará os que podem facilmente deslocar-se em busca de sanatorios para o seu restabelecimento. Os nossos museus artisticos são poucos. A nossa vida pouco interesse oferece: e os nossos theatros não são, em geral, assistidos pelos estrangeiros, que não percebem a nossa lingua. O unico que as populações fluctuantes apreciam é o da opera lyrica; mas o que existe em Lisboa está fechado, por falta de concorrência. As nossas praias e thermas, sem a concessão de jogo, nem mesmo se animam com as colonias portuguezas; não havendo portanto distrações; porque é exclusivamente com o producto d'esse vicio que se sustentam os casinos, onde se proporcionam os divertimentos que atrahem e que chamam forasteiros, que dão vida e alegria.

Alem de tudo, o estrangeiro, em toda a parte, apreciou sempre gozar o seu serão com intenso prazer para o espirito, porque nunca achou sufficiente para a sua completa satisfação as distrações que lhe possam proporcionar de dia. Por conseguinte não lhe basta o theatro a que não vae o animatographo que pouco frequenta, nem se limita ao passeio depois de jantar. Quere mais. E esse mais só o jogo lh'o pode fornecer.

Assim a regulamentação do jogo impõe-se, e não tenhamos duvidas que, havendo-o aqui depois de terminada a guerra, o estrangeiro dar-nos-ha talvez a preferencia, por muito que isso peze aos apostolos da luz moralidade.

J. L.

Todo aquele que se interessa pela manutenção da Revista de Turismo, deverá dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e anunciantes e fazendo-lhe comunicações que interessem ao seu fim especial.

A Nova Marinha Mercante

NADA como as duras lições para regenerar grandes defeitos.

Portugal, paiz que deve a era mais feliz da sua larga historia á navegação, foi-se deixando dominar pela marinha estrangeira, a ponto de a nacional estar reduzida a menos de uma centena de navios, incluindo os pequenos barcos de cabotagem e os navios da pesca do bacalhau. Todas as nações progrediam dia a dia, só nós iam ficando para traz, sendo quasi um fenomeno a entrada de uma embarcação nossa em portos estrangeiros.

Pois a dura lição da guerra veionos fazer comprehender que era preciso ter marinha para ter commercio, e era preciso ter commercio para ter vida.

E grato nos é registrar que nos estaleiros portuguezes estão em construcção cerca de 60 navios de vela.

E, quasi todos estes barcos, são de navegação mixta, ou sejam movidos á vela e a gazolina. Navegarão á vela, quando houver vento de feição e á helice, na entrada dos portos e durante a calmaria.

A navegação á vela ia pouco a pouco desaparecendo, motivada pelas contrariedades e demoras que as calmarias traziam ás derrotas, mas, com o emprego de um pequeno motor a gazolina, esse mal desaparece com grande vantagem para os donos da carga e grande economia para os armadores.

Não seremos fantasiosos se dissermos que, desta forma, desaparecerão os vapores só de carga, ficando apenas os de passageiros e os de vela.

E a nossa marinha mercante ha de ter com isso um grande impulso, porque não sendo nós affectos a grandes empresas, os pequenos armadores hão-de surgir a cada momento, e a tonelagem total sob a bandeira nacional elevar-se-ha continuamente.

De norte a sul varios armadores estão construindo embarcações, algumas mesmo com mais de 3.000 toneladas, o que equivale a dizer que a nossa marinha mercante atravessa um periodo de verdadeira prosperidade.

Na Figueira da Foz, um armador arrojado, o sr. Arthur Augusto d'Oliveira, deitou já ao mar dois belos barcos, o *Cabo Mondego* e o *Cabo Raso*, e tem em construcção mais dois, o *Cabo de Santa Maria* de 1.800 toneladas, o *Cabo da Roca* de 3.000.

A seguir a estes, outros serão construidos, que irão sucessivamente rece-

bendo o nome dos nossos cabos, tanto do continente como das colonias.

Nos dois outros estaleiros da Figueira, também estão varios navios e de grande tonelagem, em construcção.

Mais nos consta ainda, que é desejo do sr. Arthur Oliveira, organizar uma frota de navios de passageiros para fazer as carreiras para o Brazil e para a America do Norte.

Será só então, que teremos a navegação para o Brazil, tão desejada e tão esquecida?...

Seja como for, venha ela tarde, mas o que vem cedo com estes 60 navios em breve a navegar, é um poderoso desenvolvimento para a nossa agricultura e para o nosso commercio, que só então comprehenderá de quanto vale uma marinha propria.

ano de 1916, o elevado numero de 2.000.000 de fasciculos!!!

Compare-se esse surprehendente resultado, com o que, certamente, a bela *Revista de Turismo* vem tirando da sua titanica luta de ha perto dois anos...

--Que distancia!

MARIO ANTONIO.

DO ESTRANGEIRO

ROMA, Fevereiro 1918

O desenvolvimento que a propaganda turistica vem tomando na Italia, assume já proporções grandiosas.

Não se trata de lançar, a mão, uma idéa para que se espera um bom acolhimento; ha, já, a certeza de que o trabalho intenso e fecundo que, não obstante a situação calamitosa que o paiz atravessa, se está n'ele operando, fructificará proveitosamente, como o esteio mais seguro da integridade nacional.

Dois pensamentos de vulto preocupam hoje os italianos: a reacção ao forte embate inimigo, e a preparação do seu paiz para uma activa expansão turistica. Ambos filiam-se n'uma unica razão: *patriotismo*. Se o primeiro os torna grande aos olhos do mundo, pelos feitos que gloriosamente conquistem no campo da batalha, o segundo é o complemento immediato d'essa estoica resistencia, para salvaguarda das belezas-naturaes, artisticas e historicas onde os mesmos olhos não transmitem á alma, durante o repouso d'uma paz duradora, uma outra sensação, mais agradável, mais saborosa, mais atrahente, que maior brilho dará ainda a este belo Paiz.

Hoje, pela Italia, corre uma só palavra, que na sua simples estrutura resume o sentimento que a domina, a febre abrazadora que lhe atormenta o cerebro. Essa palavra é um fremito de esperanza; é, ao mesmo tempo, um grito inflamado de patriotismo e um brado altisonante de energia: *«Resistiamo»*.

«Resistiamo!» Este singelo tempo do verbo *resistir* traduz, por maneira inquitiva, a alma da Italia!

«Resistamos» proclama-se tanto nos palacios, como nos modestos lares; na officina, como nas lojas; em familia, como nas escolas; nos campos como nas cidades.

Essa é a palavra, unica e sonora, que a Italia hoje só profere, e que representa o sacrificio que todos estão dispostos a oferecer em holocausto ao seu mais caro sentimento.

—E' que o patriotismo italiano não é uma

O TURISMO EM ITALIA

simples flôr de rhetorica; é mais, muito mais do que isso; é a tara que o berço embalou; é o sentimento que o tumulto não encerra, porque transmigra de ser em ser, de geração em geração, novo ou rejuvenescido, mas sempre o guarda vigilante da propria integridade!

Sicilia e Sardenha

O terceiro volume da «Guia de Italia» que vem sendo editada pelo Touring Club Italiano, publicar-se-ha em breve e refere-se á Sicilia e á Sardenha.

Segundo o sumario já publicado pela Revista do T. C. I., esse volume deve ser interessantissimo, tanto pelo que diz respeito á sua escolhida colaboração literaria, como pelo que se refere á parte artistica que o ilustra.

E', pois, a todos os titulos, um precioso trabalho, que muito ha de contribuir para levar, em espirito e em realidade, a essas duas lindas regiões da Italia — logo que a occasião se proporçione — os que entusiasticamente se consagram á apreciação das suas belezas naturaes e artisticas.

Com a publicação d'esse importante Guia, cuja edição, até agora, é já de 1.200.000 exemplares, o T. C. I. considera-se legitimamente orgulhoso pelo altissimo serviço que assim vem prestando ao seu paiz e que representa um valoroso subsídio com que está contribuindo para a sua propaganda patriótica.

Essa propaganda não tende, todavia, simplesmente a atrahir a atenção dos estrangeiros para esta grande peninsula que o Mediterraneo e o Adriatico refrescam com carinho; mas é, tambem, muito especialmente destinada a elevar a cultura moral do povo italiano, que n'ela encontra um verdadeiro estímulo para o seu patriotismo.

Para se avaliar a intensiva acção que o «Touring-Club» desempenha n'esse sentido, basta citar que, alem da fundação dos dois grandes orgãos turisticos: «La Sorgente», em 1916, e «Le Vie d'Italia», em 1917, cujo exito tem excedido toda a expectativa, a tiragem do seu boletim mensal atingiu só no

OS RESTAURANTES DO SUL E SUESTE

É uma desgraça, ter a gente, viajando no Sul, que servir-se dos restaurantes d'aquelles caminhos de ferro. Depois não ha nenhum que se salve, são todos a mesma coisa; imundos e caros. Até ha pouco o salão-restaurant que circula entre Barreiro e Vendas Novas, tinha um magnifico serviço, que em pouco atrahiu todos os viajantes do Sul. Hoje, é impossivel comer ali, pois a cosinha aien de detestavel é aliada a uma rudeza estúpida da parte da criada-gem, e completada com um preço mais caro que nos melhores restaurantes de Lisboa.

Nos restaurantes de Beja e de Tunes, quasi nunca ha que comer, e aos passageiros só é oferecida alguma carne assada ha 8 dias e uns ovos a nadar em porcaria. Preço, o mesmo assalto ás algibeiras do restaurante do comboio.

Verdade seja que pouca gente já utiliza os seus serviços; todos preferem o classico farnel, mas para aqueles que a previdencia se limita ao dinheiro no bolso é um martirio taes restaurantes.

Levamos estes desabafos ao conhecimento da digna Direcção do Sul e Sueste, conscios que algumas medidas tomará para atenuar tão detestavel serviço.

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, L. Bordalo Pinheiro, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra Figueira da Foz, Guarda, Cintra e outras terras do paiz.

Capas para encadernar o 1.º ano da Revista de Turismo

Aos nossos escriptorios, Largo Bordalo Pinheiro 28, podem ser requisitadas as capas artisticas que mandámos fazer para a encadernação dos 24 numeros correspondentes ao 1.º ano da «Revista de Turismo».

O preço da encadernação, incluindo as capas, é de Esc. 1\$60 (mil e seiscentos réis); fornecendo-se só as capas por 1\$20.